



## Sementes Crioulas e Feiras como Estratégias de Resistência e Autonomia Camponesa

Mieceslau Kudlavicz<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Agente da Comissão Pastoral da Terra/MS. Rua Francisco Xavier, 1465.  
Bairro Interlagos. CEP 79640.040 - Três Lagoas/MS. Email: kudlavicz@gmail.com.

### Resumo

Este trabalho objetiva relatar as experiências das vivências nas Feiras de Sementes Nativas e Crioulas de Juti/MS e na organização das Feiras de sementes crioulas, enquanto integrante do projeto, intitulado “Implantação de Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica: dinamização da agricultura familiar no Território Rural do Bolsão-MS”. (NEA-BOLSÃO)<sup>1</sup>. Dentre os objetivos do projeto está estímulo ao resgate de sementes crioulas. Para atingi-lo realizaram-se três Feiras de sementes crioulas que se torna essencial num contexto de modernização da base técnica da agricultura, predomínio da monocultura de transgênicos e uso de agrotóxicos. Resgatar os saberes populares dos camponeses e camponesas, construídos dialogicamente nas experiências familiares, seu modo de vida de ligação com a terra e transmitido por gerações se torna fundamental estratégia de reprodução camponesa e de garantia da sua autonomia.

**Palavras-chave:** campesinato, transição agroecológica, recriação.

### Abstract

*This work aims to report the experiences in the Native and Creole Seed Fairs of Juti/MS and in the organization of the Creole Seed Fairs, as a member of the project entitled "Implementation of a Study Nucleus in Agroecology and Organic Production: dynamization of family agriculture in the Rural Territory of Bolsão-MS" (NEA-BOLSÃO). Among the objectives of the project is to stimulate the rescue of creole seeds. To achieve this, three Creole Seed Fairs were held that became essential in a context of modernization of the technical base of agriculture, with the predominance of transgenic monocultures and use of pesticides. To rescue the peasant people's knowledge, built dialogically on familiar experiences, their way of life linked to the land and transmitted by generations, becomes a fundamental strategy of peasant reproduction and guarantee of their autonomy.*

**Keywords:** *peasantry, agroecological transition, re-creation.*

### AS SEMENTES CRIOULAS

A modernização da agricultura brasileira privilegiou a monocultura voltada para a exportação e destruiu a base de sustentação dos camponeses que é a produção de subsistência. Este modelo agrícola estimulou o uso intensivo de agrotóxicos e da adubação química com consequências nefastas para a natureza e com um alto grau de envenenamento de produtos alimentícios (GRAZIANO DA SILVA, 1982; KUDLAVICZ, 2011).

---

<sup>1</sup> Projeto aprovado na CHAMADA MCTIC/MAPA/MEC/SEAD – CASA CIVIL/CNPq N° 21/2016. O projeto foi implementado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Três Lagoas, sob coordenação da professora Rosemeire Aparecida de Almeida, com vigência de 2018 a 2020.



No Brasil, este processo de modernização se acentuou a partir da segunda metade do século XX, especificamente início dos anos sessenta, iniciou-se um processo forte de modernização da agricultura brasileira, também chamada de “Revolução Verde” (GRAZIANO DA SILVA, 1982; KUDLAVICZ, 2011). Os governos e a burguesia através do rádio, da TV, das empresas de assistência técnica, das cooperativas controladas pelos grandes, das escolas, propagaram a ideia de que era necessário aumentar a eficiência produtiva para abastecer o mercado e acabar com a fome no mundo.

E que produzir para o mercado somente seria viável se os camponeses se adequassem ao pacote tecnológico que era comprar sementes selecionadas e indicadas pelas empresas, o adubo químico e os maquinários. Como ninguém queria ser visto como atrasado e nem passar vergonha nas palestras dos técnicos, os camponeses acabaram aceitando a ideia. O autor deste artigo vivenciou este processo que ocorreu no seio de sua família de agricultores familiares, no Paraná, ainda no seu tempo de jovem. Representantes das empresas de adubos e de agrotóxicos passavam horas e horas, justificando a necessidade da família abandonar a produção diversificada e de consumo familiar, para produzir para o mercado, argumentando que ficava mais barato comprar os produtos para o consumo familiar.

Este modelo privilegiou a monocultura e destruiu a base de autossustentação dos camponeses que é a produção de autoconsumo e forçou o abandono dos seus conhecimentos tecnológicos de adubação, conservação do solo e, principalmente, da produção de sementes. Propagaram as chamadas sementes “selecionadas” ou “certificadas” que, necessariamente, precisavam ser compradas e, obrigatoriamente, os camponeses eram orientados para comprar os adubos químicos e venenos indicados por quem produziu a determinada semente (GRAZIANO DA SILVA, 1982; KUDLAVICZ, 2011). Com isso os pequenos agricultores foram roubados em seus conhecimentos e desaprenderam a produzir seus próprios alimentos. A fazer e conservar suas próprias sementes e a controlar os inços (ervas daninhas) e pragas (doenças), com recursos da própria natureza. A sabedoria de produção agrícola, que durante milhares de anos foi transmitida de geração em geração, que é a prática e do ensino de pai para filho, foi abandonada no tempo. Os camponeses ficaram quase totalmente dependentes das grandes empresas que controlam as sementes, os adubos, os inseticidas e, principalmente, dos conhecimentos externos.

Por isso, entendemos que o camponês precisa voltar a ser produtor de alimentos e muito mais do que isso: precisa voltar a ser pesquisador da natureza, cientista da roça e produtor de conhecimentos necessários para a sua sobrevivência enquanto classe com interesses específicos voltados a reprodução social do seu modo de vida. E isso não significa deixar de produzir para o comércio.

E o resgate da produção de semente crioula é uma das ferramentas fundamentais para iniciar este processo de autonomia dos camponeses frente a produção agrícola. Semente crioula é uma semente comum, caseira, cabocla. Sempre foi desenvolvida pelos agricultores. É uma semente que está na mão dos agricultores e que não sofreu nenhum processo de modificação, a não ser



pelo processo natural de seleção. Não são sementes compradas no mercado. São sementes que estão preservadas nas comunidades indígenas, quilombolas.

Hoje chamamos de sementes crioulas as sementes desenvolvidas e adaptadas pelos camponeses e indígenas. As sementes crioulas são sementes derivadas dos cultivos tradicionais das espécies vegetais. Também são chamadas de comuns, domésticas ou caseiras. Elas são diversificadas e produzidas sem o uso de agroquímicos. Não sofreram modificações genéticas em laboratório, como as transgênicas. (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA E CARITAS BRASILEIRA, p. 12, 2006).

Na origem da agricultura, há 12 ou 15 mil anos (CANCI, 2002), dois personagens caminham inseparáveis: os camponeses e camponesas e as sementes. Ou seja, na história você vai encontrar um camponês ou camponesa que não entenda de sementes. Um está ligado diretamente ao outro e vice-versa. A sobrevivência da semente depende da sobrevivência do camponês e vice-versa. Falar da produção de sementes com o camponês é ao mesmo tempo resgatar valores culturais e religiosos (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA E CARITAS BRASILEIRA, 2006). É dar-se conta de que quem controla as sementes controla a fome e as consciências, significa ter consciência do perigo de se perder as sementes e desaparecer o agricultor. Logo, é essencial alertar sobre o perigo dos transgênicos, que não tem por objetivo produzir alimentos para matar a fome e, sim, ter o controle das sementes, dos adubos, dos inseticidas, dos conhecimentos (tecnologias) (CARVALHO, 2003).

Estimular e fomentar a produção de sementes é estimular também um novo modelo de agricultura de futuro: agroecológica e de produção de alimentos. É aprender a ter cuidado com a terra observando a época mais apropriada para o plantio, a terra apropriada para determinada semente, utilizando a adubação orgânica e adubação verde no lugar dos adubos químicos. É utilizar defensivos naturais para o controle de pragas no lugar de venenos. É produzir alimentos mais saudáveis.

É verdade que para os defensores do progresso e das chamadas tecnologias modernas, e que reconhecem como única forma de conhecimento verdadeiro ser o acadêmico (chamado muitas vezes também de científico), estas reflexões podem soar como um retrocesso científico na história. Porém, para aqueles que acreditam que o conhecimento acadêmico e as chamadas tecnologias modernas somente são verdadeiras e necessárias se estiverem a serviço dos interesses da maioria da população, contribuindo para uma existência menos impactante entre o homem e a natureza, entendem perfeitamente a importância de se valorizar os saberes tradicionais/populares/práticos, que são fruto de anos da convivência do homem com a natureza, respeitando o seu tempo e o seu ritmo para produzir. Diferentemente do modo capitalista de produzir, para quem “tempo é dinheiro” e sempre buscará na pesquisa científica, tecnologias que possibilitem a aceleração do crescimento e redução de tempo do ciclo necessário para produção de uma determinada cultura, mesmo que para isso seja necessário violentar os princípios da natureza.

Empresas como a Monsanto, investem milhões de dólares em pesquisas para modificar geneticamente os genes das sementes, milhões de dólares em pesquisas para produção dos mais



diferentes “biocidas” (herbicidas, inseticidas, bactericidas, fungicidas), denominados pelos fabricantes como “defensivos agrícolas” e pelos movimentos sociais como “agrotóxicos” para dar a conotação forte de que eles causam danos às plantas, animais e ao homem. Pois a palavra “biocida” significa “mata a vida”.

## DA AGRICULTURA ALTERNATIVA À AGROECOLOGIA E FEIRAS DE SEMENTES CRIOULAS.

Como dito anteriormente, o processo da chamada modernização da agricultura obrigou muitos agricultores a abandonarem o campo, uma parte dos que resistiram foram forçados a se adaptarem ao modelo de agricultura imposto pelo mercado.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT), que assessorava a luta dos sem terra no MS, é testemunha da dificuldade enfrentada pelos agricultores assentados pela reforma agrária em transformar a conquista do lote em terra produtiva. Isto se devia ao fato de serem incentivados a produzir para o mercado em condições totalmente desfavoráveis em comparação com o agronegócio. Descapitalizados, sem acesso a créditos, sem assistência técnica, quando conseguiam produzir nestas condições seus produtos não conseguiam competir com a qualidade que o mercado exigia. Foi em vista disso que a CPT, no final da década de 1980, começou a estimular o que denominava como agricultura alternativa. Mas o que era essa agricultura alternativa? Basicamente se tratava de diversificar a produção, priorizando o consumo ao, mesmo tempo, que estimulava a redução do uso de agrotóxicos por técnicas de aproveitamento dos insumos encontrados na propriedade.

Analisando os relatórios de atividades da CPT durante a década de 1990, é possível verificar inúmeras referências a agricultura alternativa, como uma saída para melhorar a produção nos lotes dos agricultores familiares. Esta alternativa entendida algumas vezes como diversificação dos cultivos, produção natural e redução do uso de agrotóxicos e, outras vezes, como formas de organização dos agricultores, seja em associações, cooperativas, mutirões ou grupos informais de produção. No entanto, a palavra agroecologia não aparece com frequência quando comparado ao tema agricultura alternativa. Nos relatórios analisados, a agroecologia aparece duas vezes. A primeira, quando do relato da realização de dois cursos sobre a agroecologia e, em outro, relatório ao tratar de uma iniciativa por parte da equipe da CPT de Aquidauana preocupada com a “formação do grupo agroecológico”.

O registro de atividades realizadas pela CPT, voltadas para a temática da Agricultura Alternativa, pode ser verificada no relatório da CPT da diocese de Três Lagoas de 1989, onde descreve quais foram as ações desenvolvidas no primeiro semestre daquele ano em relação ao incentivo à agricultura alternativa:

02-07/3/ = Visitas a pequenos agricultores (45 famílias) da região de Brasilândia, Santa Rita do Pardo e Barranca do Rio Paraná para um primeiro levantamento da realidade e debate os mesmos sobre a importância do uso alternativo: do esterco, das leguminosas e o inconveniente uso dos agrotóxicos: 20-23/03 = visitas a pequenos agricultores do assentamento Sucuriú e Indaiá do Sul (29 famílias), para levantamento da realidade e troca de experiências sobre a importância do uso



de culturas alternativas;04/05 = reunião com os assentados do projeto Sucuriú com 17 trabalhadores para o debate sobre a importância da agricultura alternativa e os inconvenientes do uso de agrotóxicos;19-21/05 = reunião das associações do Mato Grosso do Sul para debater os problemas políticos nos assentamentos, agricultura alternativa e a criação da coordenação das associações;03-04/06 = participação no curso de Agricultura Alternativa para atualização dos técnicos e agrônomos e intercâmbio de experiências – Botucatu;11/06 – criação do instituto de assessoria e desenvolvimento social afim de desenvolver com o “ Movimento Botucatuense Pró-Vida” a Agricultura Alternativa no Mato Grosso do Sul – Campo Grande;23/06 = reunião com os trabalhadores e pequenos proprietários de Indaiá do Sul sobre Agricultura Alternativa e os inconvenientes do uso de agrotóxicos (CARTA CONTINUAÇÃO DE UM PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL NA DIOCESE DE TRÊS LAGOAS, MS, 1989).

Inclusive, para desenvolver esta ação foi contratado um técnico agrícola. No entanto, esta ação não produziu os resultados esperados. Em primeiro lugar, devido a resistência dos camponeses em abandonar a prática convencional da qual já possuíam maior conhecimento, em especial por conta das propagandas, e retomar as práticas que haviam abandonado por serem consideradas atrasadas. Em segundo lugar, porque no início da década de 1990 foram encerrados os trabalhos da CPT na diocese.

Todavia, como esta opção pela agricultura alternativa havia sido, posteriormente, assumida pela CPT Regional, como uma de suas prioridades de atuação no estado, isso possibilitou que em outras regiões fossem desenvolvidas algumas iniciativas que deram resultados mais promissores.

A CPT em seu relatório de avaliação da atuação no Mato Grosso do Sul, para justificar o apoio da entidade cooperadora, Manus Unidas./MS para o projeto de 1997, no item que tratava do “apoio e participação na luta pela terra e na terra” afirma: “Uma das prioridades de atuação da CPT/MS em 1996 é a agricultura familiar e a organização da pequena propriedade, neste sentido, foram realizadas reuniões com produtores familiares, visando a implementação de uma agricultura alternativa” (Projeto Complementar da CPT/MS. Para o período de janeiro a dezembro de 1997).

E, neste sentido, o relatório aponta qual seria o grande desafio para a atuação da CPT considerando o ano de 1997, “seria contribuir com os pequenos produtores na descoberta de novos caminhos de como se manter, criando alternativas de produção em oposição a organização e produção posta pelo projeto econômico em desenvolvimento em toda a América Latina”.

De qualquer forma, a década de 1990 foi um período em que a CPT assessorou grupos de jovens, grupos de produção, cooperativas e associações de assentamentos, a Escola Família Agrícola (EFA), posteriormente denominada de Escola Família Agrícola Rosalvo Rodrigues (EFAR). Portanto, a CPT sempre buscou incentivar os agricultores a resgatar alternativas mais viáveis a fim de melhorar a produção.

Uma destas experiências de resgate de saberes camponeses foi desenvolvida por um grupo de jovens da Pastoral da Juventude Rural (PJR), de Ivinhema, que receberam assessoria da Anais do 2º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul



CPT/MS. Esta experiência foi desenvolvida no período de 1995 a 1998, com plantio de mandioca, milho e de uva no sistema de cultivo orgânico, além da criação de galinhas. Posteriormente, integrantes deste grupo participaram de um seminário da PJR, em Minas Gerais, quando tiveram os primeiros contatos com a temática da agroecologia. Inclusive, trouxeram sementes de feijão mucuna anã para uso na adubação verde. Estas experiências do grupo, em 2004, foram registradas pela Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Dourados, em um documentário de vídeo em fita cassete intitulado “Técnicas Agroecológicas”, que tinha por objetivo, “apresentar aos agricultores familiares técnicas alternativas de conservação e de adubação do solo”.

Figura 1: Técnicas Agroecológicas



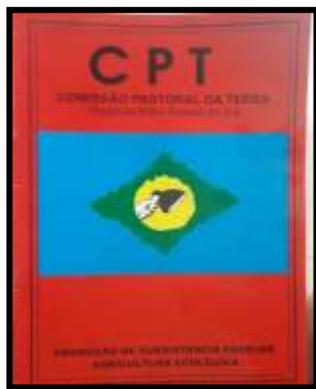
Fonte: Comissão Pastoral da Terra da Diocese de Dourados, 2004.

Outra experiência nesta mesma perspectiva foi desenvolvida pelo grupo JAMEP (esta sigla se refere às letras iniciais do nome dos jovens integrantes do grupo: João e José Luzia, Marcos de Matilde, Antonio, Edino e Edinaldo e Pedro), residentes no assentamento Indaiá, no município de Itaquiraí. Este assentamento é resultado da ocupação da Fazenda Itassul, em 1988. Esta experiência foi realizada entre 1995 a 1998, no modelo muito semelhante ao grupo da PJR de Ivinhema. Uma roça comunitária de milho, um aviário e uma apicultura. Também a execução das atividades em forma de mutirão e sem uso de agrotóxicos no cultivo do milho.

Cabe aqui um registro de que, alguns destes jovens hoje estão participando da Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (APOMS) e da Cooperativa de Produção e Comercialização da Rede dos produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (COOPERAPOMS), em Dourados.

A primeira iniciativa da CPT de forma mais orgânica na direção do debate agricultura e ecologia irá ocorrer com a publicação e divulgação juntos aos agricultores e agricultoras da cartilha: “Produção de Subsistência Familiar. Agricultura Ecológica”, em 2002. Esta cartilha foi distribuída para todos os grupos e comunidades de agricultores familiares acompanhados pela CPT.

Figura 2: Produção de Subsistência Familiar. Agricultura Ecológica.



Fonte: registro do autor, 2021.

Contudo, é a partir do “Projeto: Fortalecimento socioeconômico, ambiental e organizativo, de comunidades rurais”, elaborado em conjunto com os Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, que a CPT/MS assumirá definitivamente o compromisso com a Agroecologia, quando se propõe por meio de inúmeras atividades, como: diversificação da produção Agroecológica para a subsistência familiar, realizar a Semana da Agroecologia, palestras, feiras livres, seminários, a Festa da Colheita, intercâmbio de experiências entre os grupos de produção e a elaboração e distribuição para os agricultores, de 01 panfleto sobre a produção e o cultivo agroecológico.

Estas iniciativas realizadas pela CPT durante a década de 1990, junto aos agricultores, irá contribuir para que, em 2005, a CPT juntamente com um grupo de agricultores e agricultoras, organizassem a primeira “Feira das Sementes Crioulas e de Produtos Orgânicos”, na cidade de Juti-MS.

**FEIRA DAS SEMENTES CRIULAS COMO LUGAR DE TROCAS, DE APRENDIZADO E RESISTÊNCIA.**

A realização das feiras de sementes crioulas são eventos que se multiplicaram em âmbito nacional, principalmente a partir do século XXI, tendo como seus principais articuladores o Movimento dos Pequenos Produtores (MPA), o Movimento dos Sem Terra (MST) e entidades como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), entre outras.

A tradição da troca de sementes entre os povos do campo é elemento importante para sua preservação e o uso, sejam por meio de relações simples de vizinhança e parentesco ou na realização de festas e feiras de trocas de sementes. Sendo assim, o incentivo à preservação, ao uso e à realização de feiras é de suma importância para os povos do campo, sobretudo para disseminação do patrimônio genético e a criação de redes de trocas de sementes.



Socializar conhecimentos e experiências são práticas sempre valorizadas e centrais na realização de todas as feiras de sementes crioulas. Realizar a troca de saberes é parte da história do desenvolvimento da agricultura, ação que os camponeses sempre fizeram. São conhecimentos que foram repassados de pai para filho, até os nossos dias. Portanto, a biotecnologia, tão valorizada na atualidade, não é coisa do século XXI. A criação do milho, da mandioca, do algodão colorido, é resultado de seleções realizadas pelos camponeses há milhares de anos atrás (CANCI, 2002).

No Mato Grosso do Sul acontece uma das feiras de sementes crioulas mais significativas de maior repercussão no Estado, a Feira de Sementes Nativas e Crioulas de Juti/MS. Seu início se deu em 2004, a partir de uma articulação da CPT e as comunidades de assentados e indígenas. Aos poucos, foi conquistando o interesse de mais agricultores, em participar da região e foi ampliando o leque de entidades parceiras, dentre elas a Prefeitura municipal e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). O foco da Feira é voltado a palestras e oficinas, priorizando a preservação e conservação do cerrado, buscando incentivar a utilização de técnicas sustentáveis para a exploração dos recursos naturais e a defesa de um modelo de agricultura baseado na sustentabilidade. Pereira et. al. (2020, p. 2-3) ressalta a importância das feiras de troca, pois:

[...] têm promovido a valorização dos agricultores familiares, guardiões das sementes crioulas, além disso, promove forte ligações entre estes atores e os pesquisadores e extensionistas das instituições parceiras, e os que trabalham como orientadores e estudiosos de sementes. Esse vínculo tem se mostrado eficiente na articulação de métodos de conservação *ex situ* das sementes crioulas.

No ano de 2019 foi realizada a 15ª Feira com a participação de 2.000 pessoas, aproximadamente.

Figura 3 - Juti/MS: 15ª Feira de Sementes Nativas e Crioulas, 2019



Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau – julho 2019.

Enfim, é importante ressaltar que os eventos das Feiras são também momentos de conversa, de prosa e de encontro entre amigos e conhecidos que não se veem há muito tempo, situação social muito valorizada entre os camponeses.



A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL), executou no período de 2018 e 2020, um projeto intitulado “Implantação de Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica: dinamização da agricultura familiar no Território Rural do Bolsão-MS (NEA-BOLSÃO)”, sob a coordenação da professora Rosemeire Aparecida de Almeida (UFMS/Campus de Três Lagoas), e que teve como um dos objetivos específicos: “estimular o resgate de sementes crioulas”. E como estratégia para atingir este objetivo realizou três Feiras das sementes crioulas no Território Rural do Bolsão, Mato Grosso do Sul, visando a troca de sementes e capacitação dos participantes no intuito de sensibilizá-los para a necessidade do resgate de sementes na região e a interação dos agricultores no Território do Bolsão.

No dia 20 de outubro de 2018 realizou-se a 1ª Feira de Sementes Crioulas, em formato de mostra, durante a realização do 6º Encontro das Mulheres Camponesas do Território Rural do Bolsão/MS, no Projeto de Assentamento 20 de Março, no município de Três Lagoas, por iniciativa do NEA-Bolsão. No evento, houve a presença de docentes e discentes da Escola Técnica Estadual (Etec) Sebastiana Augusta de Moraes, do município de Andradina (SP), contribuindo com a mostra de variedades de sementes crioulas, como demonstrado na figura 4.

Durante o 7º encontro da Mulheres Camponesas, ocorreu a 2ª Feira de Sementes Crioulas, no dia 16 de março de 2019, no Assentamento Alecrim, município de Selvíria/MS. Nesta feira, diferente da primeira, realizou-se a distribuição de sementes crioulas aos presentes de feijão, amendoim, pimenta, abobora, milho, quiabo, coentro e sementes e adubação verde de feijão de porco, de crotalária e de mucuna. A partir desta feira, além de distribuição, também houve trocas de sementes entre os assentados e assentadas de Reforma Agrária do Bolsão/MS.

A 3ª Feira de Sementes Crioulas ocorreu no dia 27 de outubro de 2019 durante a realização do 8º Encontro das Mulheres Camponesas do Território do Bolsão, no Projeto de Assentamento Pontal do Faia, município de Três Lagoas, organizado pelo NEA-Bolsão, conforme demonstrado na figura 3. Na oportunidade, além da distribuição de sementes, houve a primeira roda de conversas sobre as Sementes Crioulas com a presença dos “Guardiões das Sementes”, do Coletivo Triunfo, do Paraná. O objetivo principal foi a discussão para criação da futura Casa das Sementes no Bolsão.

Figura 5 - Três Lagoas/MS: Feira de Sementes Crioulas



PA Pontal do Faia (MS): 3ª Feira de Sementes Crioulas, 2019



PA 20 de Março (MS) - 1ª Feira de Sementes Crioulas, 2018

---

Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau – 20 out. 2018. 27 out. 2019.

Um passo importante destas Feiras foi o processo educativo de formação dos sujeitos sociais assentados da Reforma Agrária no território do Bolsão. De início, pensou-se na distribuição de sementes para a valorização e a revitalização de hábitos e costumes camponeses invisibilizados, a exemplo do resgate de sementes crioulas, a produção de sementes próprias e as trocas entre os agricultores.

Outro passo<sup>2</sup> seria a constituição de um banco de sementes e a constituição de um guardião. Para tanto, visitas técnicas foram importantes para se conhecer outras feiras e também bancos de sementes crioulas, como da 15ª Feira de Sementes Crioulas de Juti/MS, de 12 a 14 de julho de 2019 (Figura 3). E no dia 14 de setembro de 2019, visitamos a Feira de Sementes Crioulas durante o evento de comemoração dos 40 anos da Associação Brasileira de Assistência a Infância (ABAI), em Mandirituba/PR. Além disso, no dia 13 de fevereiro de 2020, deu-se mais um passo para a consolidação das feiras e do banco de sementes no Bolsão, quando visitou-se o Santuário das Sementes Crioulas da família de assentados no município de Pauliceia (SP) - (Figura 6), objetivando conhecer o processo da criação do Santuário.

Figura 6 - Feiras de sementes crioulas e Santuário de Sementes



---

Fonte: KUDLAVICZ, Mieceslau, 2019-2020.

A realização das feiras tem, também, por finalidade a criação de um Banco de Sementes, objetivando o resgate da biodiversidade local, posto que o processo local deve ser valorizado porque contém a diversidade cultural, ou seja, deve-se evitar a prática de buscar de outras regiões do país, ou seja, é preciso estimular a multiplicação e preservação de pequenas reservas de sementes. E também proporcionar sementes para as comunidades que já as perderam, via sistema rotativo de troca. Envolver a comunidade, e não somente as famílias no projeto, é essencial para organizar grupos de produção de sementes e estimular o trabalho coletivo e o aprendizado coletivo. Propiciar este resgate do conhecimento é também enfrentar a resistência por parte de muitos camponeses de que semente crioula é coisa atrasada, prática do século passado que não vale a pena.

---

<sup>2</sup> Importante destacar que este processo de realização das Feiras de sementes crioulas no território do Bolsão encontra-se interrompido desde 2020, em razão da pandemia da COVID-19.



Ter o conhecimento e o domínio de como plantar, quando plantar, onde plantar e o que plantar sem depender dos pacotes oferecidos pelas grandes empresas controladoras das sementes e dos agroquímicos, é revolucionário porque mantém uma cunha cravada nas contradições do sistema capitalista de produção, cujo cerne é o mercado. As sementes devem ser patrimônio da humanidade preservadas pelos camponeses e camponesas, que são os Guardiões e Guardiãs da Biodiversidade local.

### **Considerações Finais**

As experiências e conhecimentos populares das famílias camponesas precisam ser compartilhados para não desaparecerem, serem socializadas pela Universidade para que as práticas sustentáveis sejam cada vez mais conhecidas e reproduzidas, resistindo frente ao modelo agrário/agrícola dominante. As Feiras de Sementes Crioulas se tornaram importante meio de propagação do saber popular camponês, dos valores agroecológicos, espaço de troca de sementes e, sobretudo, de fortalecimento da agricultura camponesa, visto que as sementes crioulas se constituem numa forma de resistência, garantindo a autonomia camponesa frente à imposição do modelo de agricultura considerado “moderno”, centrado no valor de troca, contribuindo, dessa forma, para a soberania alimentar.

### **Referências**

CANCI, Adrian. *Sementes Crioulas. Construindo soberania. A semente na mão do agricultor*. Editora: Sintraf, Anchieta, Santa Catarina, 2002.

CARVALHO, Horácio Martins de (org). *Sementes Patrimônio do povo a serviço da humanidade*, Editora: Expressão Popular, 2003.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA E CARITAS BRASILEIRA. *Conhecendo e Resgatando Sementes Crioulas*. Editora: Evangraf Ltda, Porto Alegre, RGS, 2006.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. *Projeto: Fortalecimento socioeconômico, ambiental e organizativo, de comunidades rurais dos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul*. Arquivo Word.

GRAZIANO DA SILVA, José. *A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. 1982.

KUDLAVICZ, Mieczslau. *Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

PAULO, ANTONIO; ADÃO; RAMON. *Pastoral da Juventude Rural – Diocese Dourados período de 1994 a 1996*.



PEREIRA, Zefa Valdivina et al. *15 Anos da Feira de Sementes Crioulas de Juti: Partilhando sementes e saberes agroecológicos no Mato Grosso do Sul*. Cadernos de Agroecologia, v. 15, n. 4, 2020.

*Produção de Subsistência Familiar. Agricultura Ecológica*. Cartilha sobre a agricultura agroecológica. Ano 2002.

RELATÓRIOS DA CPT. *Cooperação internacional*. Disponível em: [https://www.dropbox.com/sh/q88gp110acqlez5/AAAliDhi5IDRuPosdG7RLZ5Aa?dl=0.&preview=DT\\_006\\_013\\_058.pdf](https://www.dropbox.com/sh/q88gp110acqlez5/AAAliDhi5IDRuPosdG7RLZ5Aa?dl=0.&preview=DT_006_013_058.pdf). Acesso em: 12 dez. 2020.

SANTIAGO, Valdevino; SOUZA, Sirlete Lopes de; ZANOTTO, Milton Jackes. *Experiência inovadora no campo mato grosso do sul. Trabalho Coletivo do Grupo JAMEP Itaquirai – MS*.

VIA CAMPESINA- BRASIL. *Subsídios para implementar a campanha das sementes*. Gráfica e Editora Peres Ltda, s/d. Cartilha.